

# Homenagem de vida à Maria Carmelita Yazbek

Tribute of life to Maria Carmelita Yazbek

Marilda Villela Iamamoto\*

Rosângela Nair de Carvalho Barbosa\*\*

Esta homenagem à Professora Dra. Maria Carmelita Yazbek se soma a outros manifestos de reconhecimento da sua contribuição à profissão, sublinhando a grandiosidade da trajetória intelectual no Serviço Social brasileiro e nos projetos de intercâmbio internacional, especialmente com Argentina, Portugal e Angola.

Carmelita é uma das expressões singulares da intelectualidade do país, que recusando seguir acriticamente os cânones da universidade e da profissão, mergulhou nos grandes temas da pobreza e da desigualdade social, repercutindo suas inquietações teóricas, éticas, políticas e ideológicas para o interior da profissão e do Estado brasileiro, particularmente para as políticas sociais. O desafio acadêmico e político de Carmelita sempre foi o revés do conservadorismo no Serviço Social e na política brasileira, a partir do impulso das lutas sociais e da renovação crítica da cultura, da educação e das profissões. Rechaçando a torre de marfim acadêmica e os aportes abstratos das especializações, Carmelita fechou fileiras com as grandes questões de nosso tempo, como uma intelectual pública, como uma efetiva humanista que é

.....  
\* Professora Titular aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, vinculada ao quadro permanente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1 A. E-mail: mviamamoto@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4838-1290>.

\*\* Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pesquisadora CNPq (nível 2). E-mail: rosangelancb@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2854-2819>.

DOI: 10.12957/rep.2023.72499



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

também portadora de conhecimentos específicos da área profissional, portanto uma especialista que é política, que reverte a limitação da divisão intelectual do trabalho e que articula *o pessimismo da razão com o otimismo da vontade*, conforme pensava Antônio Gramsci.

Carmelita é natural de São Paulo, onde consolidou sua carreira profissional e acadêmica, projetando-se para o restante do país e para o exterior. Ela é Mestra (1977) e Doutora (1992) em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Realizou seu Pós-Doutorado em Ciências Políticas pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP), voltado aos Fundamentos Políticos das Ideias Contemporâneas (2001). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de Fundamentos Teórico-Metodológicos do Serviço Social.

Aluna da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em sua graduação – no período de 1964 a 1967– logo se interessou pelos estudos históricos do Serviço Social, estimulada pelo protagonismo desta instituição ao criar o primeiro curso de graduação da área, em 1936, no Brasil. E isso não é uma percepção isolada, pois é notório que a trajetória do Serviço Social da PUC-SP confunde-se com o próprio desenrolar do Serviço Social brasileiro, impulsionando ao mesmo tempo seu desenvolvimento acadêmico e profissional ao longo das décadas que se seguiram.

Em suas origens no Brasil, na década de 1930, o Serviço Social esteve intimamente vinculado às iniciativas da Igreja Católica, como parte de suas estratégias de qualificação do laicato, especialmente sua *parcela feminina* – por meio dos movimentos da ação social e ação católica –, em sua missão de apostolado junto à *família operária* (IAMAMOTO e CARVALHO, 1982).

Sob a influência acadêmica franco-belga, o Serviço Social foi sendo impulsionado a partir do processo mais amplo das requisições contraditórias do capitalismo no país. Mais que uma condicionalidade, trata-se de um contexto social efervescente de industrialização e urbanização que tem em São Paulo seu centro dinâmico e em cujo verso está a *questão social*, que condensa as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político, exigindo o seu reconhecimento como classe por parte do Estado e do empresariado. O Estado passa a intervir diretamente nas relações entre o empresariado e a classe trabalhadora, criando condições para acelerar a dinâmica capitalista internamente e para a canalização do conflito capital-trabalho. Estabelece uma regulamentação jurídica do mercado de trabalho através da legislação social e trabalhista – criando o Ministério do Trabalho e as primeiras iniciativas no campo das políticas sociais – e passa a gerir a organização e prestação de serviços sociais como um novo tipo de enfrentamento da *questão social*, tendo à sombra a crise do capital de 1929 e a ameaça comunista que rondava o descontentamento social sobre as péssimas condições de vida e trabalho.

Para atender a esse novo tempo urbano-industrial, ainda nos anos quarenta, são criadas as grandes instituições sócio-assistenciais: Legião Brasileira de Assistência – LBA –, em 1942, organizada em decorrência do engajamento do país na Segunda Guerra Mundial; o Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria (SENAI), em 1942; e o Serviço Nacional do Comércio (SENAC) e o Serviço Social da Indústria (SESI), em 1946, voltados à força de trabalho comerciária e industrial. Em conjunto, essas e outras iniciativas, demonstram o Estado institucionalizando iniciativas das frações dominantes da burguesia industrial-urbana num grande complexo assistencial - extrapolando sua ação exclusiva nas unidades de produção - para o cotidiano da vida do proletariado (IAMAMOTO e CARVALHO, 1982).

No ciclo do capital monopolista, em que emerge a dimensão social da superestrutura capitalista, a história testemunha que o Estado se amplia e passa a administrar e gerir o conflito de classe não apenas via coerção, mas buscando construir um consenso favorável ao funcionamento da sociedade, por meio do controle e integração da classe trabalhadora.

Nesse sentido, ao centralizar a política socioassistencial efetivada através da prestação de serviços sociais, o Estado cria as bases sociais que sustentam um mercado de trabalho para o assistente social, que se constitui como um trabalhador assalariado, impulsionando os centros de formação profissional, como a PUC-SP. O Estado e os estratos burgueses tornam-se assim molas propulsoras dessa qualificação profissional na divisão socio-técnica do trabalho, para atender as novas requisições expansionistas do capital e amortecer os conflitos sociais decorrentes da luta de classes.

A PUC-SP recebe esse impulso e vive de perto a alteridade, com o Serviço Social deixando de ser um mecanismo da distribuição da caridade privada das classes dominantes – rompendo com a tradicional filantropia – para transformar-se em uma das engrenagens da execução das políticas públicas e de ação dos setores empresariais, que se tornam seus maiores empregadores. Não por outro motivo nos anos que se seguem à Segunda Guerra Mundial, há um crescimento do ensino do Serviço Social no país e a expansão do mercado de trabalho dos assistentes sociais, como parte da resposta ao consenso internacional do mundo capitalista em torno da assunção do Estado Social no ciclo do Pós-Guerra.

Coetâneo a esse amplo processo, lembramos que, em 1949, o Serviço Social foi reconhecido pelo Ministério do Trabalho como profissão liberal (Portaria n. 35 de 19/04/1949) ainda que o assistente social tenha o seu desempenho vinculado às instituições públicas e privadas, na condição de trabalhador assalariado (IAMAMOTO, 2007). Mas foi em agosto de 1957, que a Lei 3.252 conferiu o monopólio do exercício da profissão aos portadores de diploma de nível superior, regulamentada pelo decreto Lei n. 994 de 15 de maio de 1962, definindo os requisitos, os atributos, as prerrogativas profissionais e a fiscalização do exercício profissional por meio do então Conselho Nacional de Assistentes Sociais (CNAS) e dos Conselhos Regionais,

hoje, Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e respectivos Conselhos Regionais.

Nesse sentido, chegamos aos anos de 1960 com o arcabouço legal e ocupacional básico da profissão efetivamente estabelecido, para o que foram fundamentais os profissionais pioneiros e as gerações que passaram a compor o quadro profissional. A Escola de Serviço Social da PUC-SP manteve-se atuante nesse impulsionamento da profissão, contando com pioneiras ilustres como Helena Junqueira e Nadir Kfourri, que participaram do amadurecimento institucional do Serviço Social e da universidade brasileira, conformando uma experiência socioprofissional muito relevante, da qual Carmelita soube se alimentar, no curso de sua formação profissional, com a graduação realizada nesta Pontifícia no tenebroso período ditatorial, entre 1964 e 1967.

Todavia, é preciso enfatizar que o ambiente histórico dos anos 1960 fez brotar duas novas dinâmicas decisivas para o Serviço Social e para a bagagem acadêmica e profissional de Carmelita. De um lado, temos o aprofundamento das contradições sociais com a aceleração da urbano-industrialização do país – advinda da dinâmica econômica da segunda metade dos anos de 1950 –, colocando em cena variados movimentos por reformas sociais (reforma urbana, reforma agrária, reforma da educação, reforma previdenciária, entre outras). Por outro lado, temendo esse processo de contestação social, o capital se articulando aos interesses internacionais empreende a ditadura civil-militar e abre novo ciclo, matizado como uma modernização conservadora do capital monopolista em expansão, para o que foi decisivo o golpe militar de 1964. Abre-se um longo tempo sombrio às liberdades civis e políticas, com tortura e assassinato de militantes contrários ao regime. Ao Serviço Social a ditadura civil-militar requereu modernização e tecnicificação da intervenção, o que inaugurou a fase dos seminários de teorização – com destaque, principalmente, para o Seminário de Araxá (1967) e o Seminário de Teresópolis (1970) – que mesmo em meio a delicadas divergências sacramentou o viés tecnocrata na área (NETTO, 1991).

Nesse contexto, cursar a universidade era um sobressalto permanente dada a perseguição política – aos contrários ao regime e defensores da liberdade intelectual –, mas, ao mesmo tempo, no Serviço Social se aventavam possibilidades profissionais importantes com a expansão do mercado de trabalho do assistente social a partir da assunção, contraditória, pela ditadura civil-militar, da expansão das políticas sociais no país. A tensão entre a pulsão dos anseios por transformação no país e a força da ditadura do capital marca a história social desse tempo e Carmelita não se furtou a tirar proveito da convivência com outros militantes resistentes ao regime e dos estudos críticos sobre a profissão, nesse quadro de acirramento da dominação capitalista.

Ainda assim, é nesses anos sessenta e setenta do século XX que ventos renovadores chegam à sociedade e à profissão, na América Latina e

no Caribe, tendo como marco desencadeador certamente a revolução cubana de 1959, na medida em que ela deixava o testemunho da possibilidade de um mundo anticapitalista no continente. Esses ventos renovadores evidentemente são oriundos de lutas e movimentos sociais nos países latino-americanos e caribenhos, que aos poucos alimentaram a crise política e econômica, com a eclosão manifesta, em todo o seu vigor, no início dos anos setenta.

No Serviço Social latino-americano tem lugar o “movimento de reconceituação”, que propõe o redirecionamento da formação e do exercício profissionais, solidário com o protagonismo político das classes subalternas nas diversas conjunturas nacionais do continente. Os laços políticos e ideológicos redesenhados visavam a própria luta contra o imperialismo norte-americano, na defesa de um Serviço Social enraizado nos dilemas estruturais da América Latina e do Caribe e comprometido com valores democráticos. Os desdobramentos da reconceituação apontam efetivamente para uma ampla renovação crítica da profissão no Brasil que floresce com maior desenvoltura na entrada dos anos oitenta.

E, esse é o esteio com que Carmelita aprofunda sua formação no mestrado, realizado na própria PUC-SP, em 1977, com a pesquisa “Estudo da evolução histórica da Escola de Serviço Social de São Paulo no período 1936-1945”. A investigação decorre de num claro movimento de tomar a memória como mediação para ressignificar as práticas sociais de formação em Serviço Social, entendendo o lastro histórico que lhe dá significado, visando ultrapassá-las como parte das relações sociais de dominação, e, portanto, projetando possibilidades de futuro, alinhadas às lutas de superação da dominação dos povos latino-americanos. Em outras palavras: revisitar a trajetória e reconectar com a história passada, para entender e atuar sobre as possibilidades do presente. Quando Carmelita ingressa na docência, em 1973, já é para exercitar uma perspectiva de educação *alquimista* de formação qualificada, orientada pela sensibilidade astuta para a história social e para a singularidade das trajetórias dos aprendizes da profissão. E, nesse processo, Carmelita não estava sozinha e já entendia que projetos contra-hegemônicos na profissão e na sociedade se fazem em práticas coletivas, para a superação da reprodução do ser social reificado do capitalismo.

Por isso, dentro da PUC-SP e da profissão o amadurecimento acadêmico crítico foi criando elos e fortalecendo processos sociais de qualificação e democratização da universidade e dos aparatos organizativos dos assistentes sociais. Logo, Carmelita e a *companheirada combativa* da PUC-SP entenderam que a ampliação da atuação crítica na profissão era outro estágio necessário de colaboração institucional ao Serviço Social brasileiro, de modo que a inserção política nas entidades políticas de organização dos assistentes sociais e nas instituições científicas foram se tornando parte das suas trajetórias acadêmicas.

É preciso acentuar o protagonismo das instituições acadêmicas, pois, paralelamente, ao longo dos anos de 1970, ocorre um intenso movi-

mento de integração de unidades de ensino isoladas à universidade pública, que ampliou a interface da profissão com as Ciências Humanas e Sociais e exigiu a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, assim como o impulso à pós-graduação *stricto sensu*. Datam dessa década os primeiros cursos de pós-graduação, primeiramente o mestrado em Serviço Social, em 1972, na PUC-RJ, logo seguido pela PUC-SP no mesmo ano. Projetos pioneiros liderados pelas instituições precursoras, de que Carmelita fará parte como estudante e como docente.

Esse projeto se desdobra e, em 1980, é criado o primeiro curso de doutorado na área na PUC-SP, em consonância com o crescimento da pós-graduação brasileira e a ampliação da socialização do Serviço Social no meio científico nacional. Em 1984, obtém-se o reconhecimento do *Serviço Social como área de conhecimento* por parte das agências científicas do Estado Brasileiro (CAPES/CNPq), permitindo a expansão da pesquisa na área, que passa a contar com o impulso do financiamento público dos egrégios órgãos de fomento à ciência no país. Essa é uma trajetória que articula a PUC-SP aos destinos de qualificação acadêmica da profissão, que repercutiu na solidez e amplitude da produção bibliográfica, da titulação dos profissionais e na consolidação das entidades científicas e profissionais.

Carmelita é fruto desses cenários sociais de qualificação científica e renovação crítica na profissão, articulados ao quadro de lutas contra a ditadura civil-militar e à defesa da democracia. Um dos marcos simbólicos mais expressivos no meio profissional foi o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) – Congresso da Virada –, em 1979, preparado pelas entidades sindicais na articulação com trabalhadores e entidades da sociedade civil organizada. Assistentes sociais pela primeira vez denunciaram coletivamente a “ditadura do grande capital”, nos termos de Ianni (1981), aliadas às forças de resistência e de apoio ao processo de construção democrática.

O Serviço Social no Brasil tem vivido *um duplo e contraditório movimento*: o mais representativo foi o processo de *ruptura teórica e política* com o *lastro conservador* de suas origens; em sinal contrário, verifica-se o revigoramento de *uma reação (neo)conservadora aberta e/ou disfarçada em aparências que a dissimulam*, apoiada na negação da sociedade de classes (NETTO, 1996). Na contracorrente ao obscurantismo, universidades e entidades profissionais são desafiadas a fomentar o pensamento crítico na formação e no trabalho dos assistentes sociais, que incorpore os grandes dilemas nacionais e regionais como matéria de debate, de pesquisa e do trabalho profissional. A proposta é cultivar a competência crítica – para além das necessidades do mercado e do capital –, politicamente sensível às necessidades da maioria dos trabalhadores, o que requer articular razão crítica e história. São as veredas do processo de ruptura com o conservadorismo que Carmelita tem adensado ao longo de sua vida acadêmica e profissional.

Por isso mesmo ressaltamos sua participação nas lutas pelo fim da ditadura e no movimento constituinte que antecedeu a promulgação da Carta Constitucional de 1988, que envolveu ampla mobilização dos grupos organizados da sociedade e importante protagonismo dos assistentes sociais para a recuperação da pauta reformista dos anos de 1960, de enfrentamento a profunda desigualdade social, no país. Merece maior destaque aqui a atuação dos profissionais da área na reestruturação das políticas sociais e o reconhecimento do dever do Estado, na Carta. O segmento da assistência social é incorporado pela primeira vez na Constituição e sua formulação como parte do tripé da seguridade social contou diretamente com a atuação dos assistentes sociais do país e entre eles enfileirou-se Carmelita como sujeito político, subsidiando debates e proposições nos fóruns e audiências que prepararam a formulação popular de propostas sobre os direitos sociais.

Esse engajamento político de Carmelita reverberou também nas funções acadêmicas e administrativas da maior relevância que exerceu na PUC-SP: Diretora da Faculdade de Serviço Social, Coordenadora e Vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Vice-Reitora Acadêmica Adjunta (1984-1987), Presidente da Comissão de Ensino e Conselho de Ensino e Pesquisa (1980-1983) e Representante Docente da Pós-Graduação no Conselho Universitário (1997-2001; 2005 -2011).

Podemos realçar desse percurso a importância da reforma curricular realizada durante sua gestão na direção da Faculdade de Serviço Social da PUC-SP, no início da década de 1980, consubstanciada no “Projeto de revisão curricular da Faculdade de Serviço Social PUC-SP” (YAZBEK, 1984), foi referência para o conjunto das unidades de ensino do país na implantação do currículo mínimo de 1982. Ela contribuiu para a efetiva ultrapassagem do *Social Work*, solidado na trilogia do Serviço Social de Caso, Serviço Social de Grupo e a Organização/Desenvolvimento de Comunidade, com o debate sobre a história, teoria e método no Serviço Social (CADERNO ABESS, 1986)

No mesmo período, Carmelita foi presidente da então *Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social (ABESS)*, de 1983 a 1985, – atualmente Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Com sua coordenação, a associação impulsiona o “Projeto de investigação a formação do assistente social” como apoio à renovação da formação acadêmico-profissional na área (YAZBEK, 1984). Aquela experiência da PUC-SP com a reforma curricular ressoa para outros centros formadores e fortalece o debate nacional, orientando as revisões que passam a ser estimuladas em todo o país sob coordenação da entidade e de Carmelita.

Nesse fecundo percurso na PUC-SP, Carmelita tem ministrado disciplinas, no ensino de graduação e, principalmente na pós-graduação, *sobre os fundamentos teóricos, históricos e metodológicos do Serviço Social inscritos no marco das relações sociais capitalistas*, um dos ângulos de aprofundamento de seus estudos. As linhas de pesquisa privilegiadas em sua produção são: 1) Serviço Social, Identidade, Formação e Prática; 2) Política Social:



Estado, Movimentos Sociais e Associativismo Civil; 3) Assistência Social e Seguridade Social. Algumas ênfases de sua produção científica merecem destaque especial porque ajudam a tonalizar com maior esmero o que vimos argumentando aqui. Vejamos.

### **1. Contribuição aos estudos sobre os fundamentos do Serviço Social e à consolidação acadêmica da área de Serviço Social**

Em seu percurso investigativo sobre os fundamentos do Serviço Social, Carmelita vem sublinhando *o caráter contraditório da profissão ante a polarização de interesses de classe*, seus condicionantes históricos e o debate intelectual que presidiu a cultura ao longo das várias décadas no país, *atribuindo especial relevo às relações entre Serviço Social, assistência e trabalho*.

Ao abordar o Serviço Social no processo de reprodução das relações sociais capitalistas enfatiza sua contribuição à reprodução da vida material, à reprodução ampliada das classes com suas tensões e conflitos e à reprodução espiritual, isto é, das formas de consciência social – jurídicas, políticas, religiosas, artísticas, entre outras – através das quais os homens tomam consciência da vida social. Esse processo de (re)produção *contém a possibilidade do novo*, pois se trata de uma totalidade histórica em constante movimento, resultante da ação dos sujeitos e de suas lutas, sujeitos que são produto da história e, simultaneamente, a constroem coletivamente. Nesse mesmo processo são (re)criadas as condições para a reprodução contraditória da sociedade de classes, os conflitos resultantes de suas relações sociais e a possibilidade de sua superação histórica (YAZBEK, 2000, 2018a e 2018b). Simultaneamente, Carmelita alarga o campo de debate, reconhecendo e analisando as distintas matrizes do conhecimento que compõem no universo intelectual do Serviço Social e, com elas, tecendo um diálogo teórico-crítico da maior pertinência.

Seus estudos sobre a profissão, também incluem a análise dos espaços sócio-ocupacionais e tendências do mercado de trabalho do Serviço Social, no contexto de reconfiguração das políticas sociais no Brasil, na abertura do século XXI, realizando a fecunda associação entre trabalho e formação acadêmica, já nos quadros da crise do capital, em tempos de financeirização e da contrarreforma do Estado, delineando os seus efeitos nas políticas públicas consoante aos preceitos ultraliberais (YAZBEK, 2021). A precarização do trabalho dos assistentes sociais ganha expressão nessas reflexões, acentuando a envergadura de maiores desafios para o exercício profissional crítico e competente.

No lastro dos fundamentos do Serviço Social, recentemente tem investido esforços no âmbito do debate internacional do Serviço Social brasileiro com América Latina, Europa e Estados Unidos. Assim, impulsionou o intercâmbio acadêmico com intelectuais da área no Brasil, América Latina e



África (YAZBEK e IAMAMOTO, 2019), dedicou-se a análise das tendências teóricas atuais no Serviço Social latino-americano (YAZBEK 2022), ao aprofundamento das particularidades do movimento de Reconceitualização do Serviço Social na América Latina e suas interlocuções com o Serviço Social Europeu no período de 1960/1980, com ênfase no caso português e nos movimentos contestatórios no Serviço Social europeu e norte-americano (YAZBEK, 2019, 2020, 2021a e 2001b, 2022)

Esse percurso intelectual se coaduna com o esforço de fortalecimento científico do Serviço Social, de modo que ao nível da Política de Ensino Superior, Carmelita vem colaborando sistematicamente com a *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior* (CAPES), seja na representação da área de Serviço Social/ Economia Doméstica (2004-2007), como membro do Comitê da Área, na assessoria ao processo de avaliação e acompanhamento dos Programas de Pós-Graduação brasileiros, atua em Conselhos, Comissões e demais atividades pertinentes a essa função, com destaque para o fato de ser um compromisso que se mantém ativo até a presente data.

No concernente à Política de Ciência e Tecnologia, o mesmo protagonismo ativo se repõe. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPQ), no seu mais alto nível (Nível 1 A), expressão de sua significativa, volumosa e contínua produção acadêmica, altamente reconhecida e legitimada por pesquisadores e docentes latino-americanos e europeus, vem alimentando o ensino e a pesquisa no vasto campo das ciências sociais, além do Serviço Social. Tem atuado também como assessora da *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo* (FAPESP)<sup>1</sup>.

Esse rumo colaborativo com a construção e qualificação da pesquisa no país também ganha peso pela sua presença como membro de conselhos Editoriais dos mais importantes periódicos científicos da área, como *Revista Escenarios* (UNLP, Argentina), *Revista Katalysis* (UFSC), *Revista Temporalis* (ABEPSS/UFES), *Serviço Social e Sociedade* (Ed. Cortez), *Interacções* (Coimbra, Portugal), *Em Pauta* (UERJ), dentre outras.

## 2. Estudos sobre pobreza e políticas públicas na América Latina

Os estudos sobre a pobreza e as políticas pública – em particular, a seguridade social com ênfase na assistência social, enquanto direito uni-

<sup>1</sup> Somada a essas ações de gestão e avaliação de políticas e projetos, destacamos a volumosa participação de Carmelita na formação de gerações de professores, pesquisadores e profissionais na pós-graduação da área, tendo sido orientadora de mais de noventa dissertações de mestrado, de setenta teses de doutorado e realizado a supervisão de 17 pós-doutoramentos. Concorreu direta e indiretamente para a diplomação de mais de trezentos e vinte estudantes de pós-graduação integrando bancas examinadoras. Publicou 21 livros, 50 capítulos de livros, 46 artigos em periódicos e realizou mais de 370 apresentações de trabalhos científicos, dentre outros registros que podem ser consultados na Plataforma Lattes, Maria Carmelita Yazbek, <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em 03 de janeiro de 2023.

versal de cidadania para os que dela necessitam, tal como consagrado na Carta Constitucional de 1988 – tem sido outra tônica da produção acadêmica de Carmelita Yazbek. Tais estudos vêm sendo realizados em cooperação acadêmica e interinstitucional nos níveis nacional e latino-americano.

Na Pesquisa de doutorado, *Classes subalternas e assistência social*, Carmelita recortou a experiência material e espiritual da fração empobrecida da classe trabalhadora que busca os serviços de assistência social, para inter-pelar as condições de vida e a visão de mundo. Com isso, Carmelita trouxe à cena a fração socialmente invisível da classe para problematizar seus dramas sociais, pensando a sua relação com as estruturas e relações sociais. Ou seja, buscou decifrar a realidade brasileira e a especificidade de suas classes subalternas na totalidade capitalista recortando o *pequeno mundo* da experiência na assistência social. Essa pesquisa sobre pobreza foi publicada e já soma hoje 9 edições (YAZBEK, 2006), demonstrando com isso o efetivo enlace do debate apresentado na publicação com os dilemas do exercício profissional dos assistentes sociais.

Em continuidade a esse empenho em superar o debate a-histórico da pobreza e do direito à assistência social, Carmelita dedica-se aos estudos sobre Políticas Públicas de Trabalho e Renda no Brasil e os Programas de Transferência de Renda na América Latina. Registram-se pesquisas voltadas ao acompanhamento da implantação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no Brasil e à unificação dos Programas de Transferência de Renda, assim como sobre a avaliação da implantação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS)<sup>2</sup>.

Expandindo-se ao circuito latino-americano, no âmbito do MERCOSUL, o *Estudo Comparativo do Bolsa Família com outros Programas de Transferência de Renda na América Latina (2011-2017)*, inclui as propostas apresentadas pelo Brasil, Argentina e pelo Uruguai. Mais recentemente, sua pesquisa volta-se para Programas de Transferência de Renda Focalizados e de Renda Básica Universal no Contexto da Pandemia e da Pós-Pandemia da Covid-19: Acompanhamento e Análise da Realidade Internacional na América Latina, Caribe e destaque no Brasil, congregando universidades brasileiras, argentinas e do Uruguai.

A análise científica das políticas públicas tem sido alimentada com a presença de nossa homenageada na implementação da política nacional de assistência social, no lastro da Carta Constitucional de 1988, nas décadas

<sup>2</sup> A parceria com pesquisadores e universidades for mando equipes interinstitucionais apresenta-se como um movimento renovado na trajetória da Carmelita e isso não é diferente nos estudos sobre assistência social e transferência de renda porque parte deles envolve interação com a Professora Dra. Maria Ozanira da Silva, com diversas pesquisas concluídas sobre a realidade brasileira. No momento, inclusive, integra a equipe de pesquisa coordenada por essa pesquisadora intitulada “Programas de Transferência de Renda Focalizados e Renda Básica Universal no Contexto da Pandemia e Pós-Pandemia da Covid-19, articulando várias universidades. Outra parceria, desde 2017, com equipes de pesquisadores de oito universidades brasileiras e doze estrangeiras, realiza-se por meio da pesquisa *O Movimento de Reconceitualização do Serviço Social na América Latina: determinantes históricos, interações internacionais e memória (1960-1980)*, sob a coordenação de Marilda Villela Iamamoto e Cláudia Mônica dos Santos. Concluída a primeira etapa desta pesquisa, em sua continuidade, Carmelita permanece na assessoria da pesquisa.

de 1990-2000; no *Conselho Nacional de Assistência Social* (CNAS) do Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), do qual participou *como* representante dos trabalhadores do setor (1994-1996), vice-presidente e Conselheira (1994-1996).

### **3. As relações internacionais no ensino superior: Europa, América Latina e África**

No âmbito das relações internacionais no ensino superior, cabe um especial destaque ao protagonismo da PUC-SP e, em particular de nossa homenageada, na implantação da pós-graduação *stricto sensu* em Serviço Social em Portugal e na Argentina, além da assessoria a consolidação do ensino graduado em Angola e Cabo Verde, na África.

Como conhecido, uma particularidade do Serviço Social brasileiro em relação às tendências prevaletentes nas demais áreas de conhecimento é sua liderança acadêmica no cenário internacional. Assim, a PUC-SP, mediante convênio, qualificou os primeiros mestres e doutores em *Serviço Social de Portugal*, criando o corpo acadêmico necessário à implantação da pós-graduação na área naquele país, ao nível de mestrado e de doutorado. Carmelita tem sido uma presença decisiva, atuando como professora visitante em várias Universidades portuguesas: *Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (ISSSL)*, no curso de mestrado, ministrando a Disciplina História do Serviço Social: matriz analítica (2003 - 2003); *Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) em Coimbra*, oferecendo a disciplina, Serviço Social e Políticas de Inserção (2001) no mestrado; *Instituto Superior de Serviço Social do Porto (ISSSP)*, de 1996 a 2001, sendo responsável por 03 dissertações de mestrado e disciplina voltada ao estudo das tendências teórico-metodológicas do Serviço Social contemporâneo (1996-1997).

Em Portugal, outra senda de atuação foi por ela aberta na Fundação das Universidades Portuguesas (FUP), como avaliadora externa, membro da Comissão de Avaliação Externa (CAE) do *Conselho de Avaliação da Fundação das Universidades Portuguesas*. Em 2005, foram visitados e avaliados nove cursos da área da *Acção Social*, a saber: Curso de Serviço Social da Universidade Católica de Lisboa; Curso de Educação Social da Universidade Portucalense; Curso de Serviço Social da Universidade Fernando Pessoa; Curso de Serviço Social do Instituto Superior Bissaya Barreto; Curso de Serviço Social do Instituto Superior Miguel Torga; Curso de Serviço Social do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa; Curso de Serviço Social do Instituto Superior de Serviço Social do Porto; Curso de Serviço Social do Instituto Superior de Serviço Social de Beja e Curso de Educação Física e Animação Social do Instituto Superior de Bragança.

Na Argentina, Carmelita impulsionou a criação da primeira pós-graduação em Serviço Social na *Universidad Nacional de La Plata* (UNLP), mediante convênio com a PUC-SP, que, atualmente, engloba os níveis de

especialização, mestrado e doutorado. Nesta Universidade foi membro do Comitê Científico (1999-2005), membro do Comitê Acadêmico da Pós-Graduação em Serviço Social (1999-2011), e membro do Comitê Acadêmico do Curso de Especialização (2005-2011), além de professora visitante (1996-1999). Também foi Professora Visitante, em 2005, na *Universidad Nacional de Rosario (UNR)*, ministrando disciplina sobre as tendências teórico-metodológicas do Serviço Social no curso de Doutorado em Serviço Social.

Na África, destaca-se sua atuação no *Instituto Superior João Paulo II (ISUP)* em Angola, enquanto Professora Visitante, oferecendo anualmente cursos e assessorias aos alunos e docentes em Luanda (2006 - 2010). Em Cabo Verde, colabora no debate sobre as políticas de enfrentamento à pobreza, afirmando a contribuição brasileira aos países lusófonos.

Em síntese, Carmelita tem uma trajetória profundamente implicada com o Serviço Social crítico e seu engajamento na produção de conhecimentos e no trabalho profissional socialmente enraizados e competentes, tendo como estratégia adicional a disseminação do projeto intelectual e político por meio de ações de internacionalização e de práticas coletivas de cooperação<sup>3</sup>.

### **Considerações Finais**

A trajetória acadêmico-profissional de Maria Carmelita Yazbek, uma das mais importantes personalidades do Serviço Social brasileiro, é portadora de características particulares, algumas das quais já apontadas ao longo dessa breve homenagem, mas que vale a pena reunir nessas considerações finais.

Sua vida acadêmica tem sido presidida pela *experiência da produção coletiva*, cultivada na militância política e intelectual, *que também representa uma estratégia de formação continuada de novos pesquisadores*. Carmelita encontra-se permanentemente integrada a projetos interinstitucionais, apoiando programas e pós-graduação, núcleos de pesquisadores de diferentes universidades, regiões e países.

---

<sup>3</sup> Realizar essa homenagem resulta também da experiência interativa de formação, partilha e intercâmbio das autoras com Carmelita, pois ela atuou diretamente no processo formativo de Rosângela Barbosa, como orientadora de sua pesquisa de tese de doutorado, do estágio em Portugal por meio da bolsa *sanduíche* da CAPES durante o doutoramento, além de ter sido professora no âmbito de disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-SP, culminando com o recebimento do Prêmio Capes de 2005 da tese intitulada “Economia Solidária como política pública: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil”, posteriormente publicada (BARBOSA, 2007). Por outro lado, o companheirismo intelectual com Marilda V. Iamamoto remonta a quatro décadas. Seu marco inicial foi a pesquisa sobre a história do Serviço Social no Brasil, do *Centro Latino-americano de Trabajo Social (CELATS)*, em 1979. Durante a docência na Faculdade de Serviço Social da PUC-SP (1980-1987) partilhou disciplinas no ensino de graduação com Carmelita, então diretora dessa unidade de ensino e, logo, presidente da Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social (ABESS), hoje, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Teve a honra de contar com a participação de Carmelita na banca examinadora de sua tese de doutorado em Ciências Sociais nessa mesma Universidade, no concurso para Professora Titular da UERJ além de sua supervisão no pós-doutorado em Serviço Social, o que se desdobrou no livro organizado em conjunto (YAZBEK e IAMAMOTO, 2019). Desse trabalho conjunto emerge uma amizade que perdura toda a vida.

Outra característica, saliente na trajetória de Carmelita é o *pioneirismo que demarca a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no universo do Serviço Social brasileiro, do qual Carmelita é uma de suas mais genuínas representantes*. Ela tem contribuído ao aprimoramento da pós-graduação *stricto sensu* da área no país, a partir dos padrões de excelência do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, único Programa com nota sete na CAPES nessa área. Carmelita tem estimulado intercâmbios internacionais e tem atuado diretamente na abertura de cursos de mestrado e doutorado em Serviço Social no exterior: pioneiramente em Portugal, na Europa; na Argentina, no circuito latino-americano e, em Angola, na África. Esse espírito pioneiro é também apoiado nos elevados padrões de qualidade da produção científica coletiva do Serviço Social brasileiro – expressa em livros e periódicos científicos – em relação a outras latitudes.

Outra característica que salta à vista no panorama apresentado, é a *continuada dedicação à formação de gerações de quadros docentes e de pesquisadores*, numa relação de compromisso intelectual, marcado por elos de confiança seja na docência, na pesquisa e nas atividades profissionais. Os vínculos docentes construídos por Carmelita ultrapassam as fronteiras do trabalho, metamorfoseando-se em laços de amizade e companheirismo que perduram ao longo do tempo.

Merece ainda destaque a *capacidade de mobilização de colegas da profissão, calçada na admiração por seu trabalho, na delicadeza do convívio e, em especial, numa característica que preside sua produção: a estreita aproximação com o cotidiano do trabalho*, nas indagações e dilemas vivenciados pelos assistentes sociais no seu cotidiano, no “tempo miúdo” do exercício profissional, como costuma anunciar.

Mas deixamos para o final uma de suas contribuições mais significativas: seu contributo teórico e político ao Serviço Social na História – numa clara perspectiva histórico-crítica – comprometido com as necessidades e interesses da coletividade de trabalhadores e trabalhadoras em sua diversidade de renda, sexo, raça, etnia território e geração. A afinidade eletiva com as classes subalternas – seus projetos societários, movimentos sociais e formas de organização – demarca certamente sua produção intelectual e posicionamento político.

Os traços acima revelam e simultaneamente escondem o pilar maior de sua sustentação: a grandeza da pessoa de Carmelita, presidida pela permanente disponibilidade, generosidade, rigor ético e compromisso político perante a sociedade e a profissão de Serviço Social, que tornam tão especial o percurso de sua trajetória acadêmica.

## Referências

- BARBOSA, R. N. de C. *A economia solidária como política pública: uma tendência de geração de renda e ressignificação do trabalho no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2007.
- CADERNO ABESS, número 1. São Paulo: Cortez/ABESS, 1986.
- IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil* – esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 1982.
- IAMAMOTO, M. V. *Serviço Social em tempo de capital fetiche*; capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2007.
- IANNI, O. *A ditadura do grande capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- NETTO, J. P. *Ditadura e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1995.
- NETTO, J. P. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão. *Serviço Social & Sociedade*, n.50. São Paulo: Cortez, 1996.
- YAZBEK, M. C (Org.). Projeto de revisão curricular da Faculdade de Serviço Social - PUC-SP. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 14, p. 29-103, abr. 1984.
- YAZBEK, M. C; CARVALHO, A. M. P. de; BONETTI, D.; IAMAMOTO, M. (Org.) Projeto de investigação: a formação profissional do assistente social. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 14, abril. São Paulo: Cortez, 1984.
- YAZBEK, M. C. *Classes subalternas e assistência social*. São Paulo: Cortez, 2006.
- YAZBEK, M. C.; MARTINELLI, M. L.; RAICHELIS, R. O Serviço Social brasileiro em movimento. *Serviço Social & Sociedade*, n.95, especial. São Paulo: Cortez, 2008.
- YAZBEK, M. C. O significado sócio-histórico da profissão. In: CFESS; ABEPSS. *Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais*. Brasília: CFESS; ABEPSS, 2009.
- YAZBEK, M. C. Serviço Social, Questão Social e Políticas Sociais em tempos de degradação do trabalho humano, sob o domínio do capital financeiro. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 21, n.1, 2018.
- YAZBEK, M. C. Expressões da questão social brasileira em tempos de devastação do trabalho. *Temporalis*, ano 21, n. 42, jul./dez. Brasília: ABEPSS, 2021.

YAZBEK, M. C.; EIRAS, A. A. L. T. S.; SANTOS, C. M. Serviço Social radical nos Estados Unidos (1960-1980): fundamentos históricos e teórico-políticos. In: IAMAMOTO, M. V. e SANTOS, C. M. (Coord) *A História pelo avesso. A reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocações internacionais*. São Paulo, Cortez, 2021, p. 391-420.

YAZBEK, M. C.; EIRAS, A. A. L. T. S.; SANTOS, C. M e DEFILIPPO, A. Serviço Social Radical nos Estados Unidos e no Reino Unido (1960-1980). In: EIRAS, A. A. L. T. S., MOLJO, C. B. e DURIGUETTO, M. L. (Orgs). *Perspectivas histórico-críticas no Serviço Social: América Latina, Europa e EUA*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2022, p.152-166.

YAZBEK, M. C. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social. In: GUERRA, Y.; LEGOY, A. A.; SERPA, M.; SILVA, J. F. S. (org.) *Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica*. 1. ed. São Paulo: Papel Social, 2018a.

YAZBEK, M. C. Serviço Social, questão social e políticas sociais em tempos de degradação do trabalho humano, sob o domínio do capital financeiro. *Serviço Social em Revista*, v. 21, n. 1, p. 183-194, 2018b.

YAZBEK, M. C. Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade. In: CEAD-UNB (org.). *Curso Programa de capacitação continuada para assistentes sociais*. Brasília-DF: CEAD-UnB, 2000. v. 4. p. 19-34.

YAZBEK, M. C.; IAMAMOTO, M. V. (org.). *Serviço Social na História*. América Latina, África e Europa. São Paulo: Cortez, 2019.

YAZBEK, M. C.; SANTOS, C. M. dos; EIRAS, A. A. L. T. S.; DEFILIPPO, A. D. The Latin American Movement for Reconceptualisation and radical social work (1960-80): possible similarities. *Critical and Radial Social Work*, v. XX, p. 1-16, 2020.